

MEMÓRIAS DO NOSSO LICEU

COLETÂNEA DE TESTEMUNHOS



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS
DO LICEU ANTERO DE QUENTAL

Ponta Delgada
2014



Letras
Lavadas
edições

Índice

Alberto Romão Madruga da Costa	97
Alexandre Linhares Furtado	60
Álvaro Raposo de França	100
Ana Maria Netto Viveiros	67
Ângelo Albergaria Pacheco	79
Aníbal Raposo	178
António Costa Santos	85
António Eduardo Soares de Sousa	58
Berta Cabral	165
Berta Camacho	132
Boanerges Melo	188
Bruno Tavares Carreiro	32
Carlos Almeida	62
Carlos Arruda	130
Carlos Carreiro	137
Carlos César	199
Carlos Decq Mota	181
Carlos Falcão Afonso	139
Carlos Melo Bento	107
Carlos Pacheco Amaral	216
Cinelândia Cogumbreiro	64
Cristóvão de Aguiar	102
Dionísio Leite	148
Duarte Melo	209
Edeme Arsénio	141
Eduardo Andrade Pacheco.....	28
Eduardo Medeiros.....	155

Eduardo Paz Ferreira	174
Eduíno de Jesus.....	36
Elias Negalha.....	34
Emanuel Carreiro	157
Emanuel Macedo de Medeiros	239
Fernando Aires	43
Francisco Rego Costa.....	114
Gabriela Canavilhas	219
Gilberta Rocha.....	159
Graça Castanho	211
Guido Rodrigues	81
Gustavo Moura	69
Henrique de Aguiar Rodrigues.....	88
Horácio Franco	184
Humberto Melo	190
Iracema Cordeiro	214
Jaime Gama	150
João Bento Sampaio	116
João Bernardo Rodrigues	109
João Bosco Mota Amaral.....	127
João de Medeiros Constância	71
Jorge do Nascimento Cabral	152
Jorge Furtado Dias.....	118
Jorge Medeiros	186
José Carlos Carreiro	192
José de Almeida Pavão.....	30
José Eduardo Moniz.....	168
José Ferreira Almeida.....	135
José Manuel Bolieiro	233
José Manuel Tavares Rebelo	92
José Maria Lopes de Araújo	206
José Medeiros Ferreira	120
José Nunes	145
Joviano Vaz.....	54
Leonor Pavão	161
Luciano Garcia Lopes	123
Luís Maurício Santos.....	229
Luiz Amaral.....	46
Manuel António Pereira	125
Manuel Arruda	176

Aprendizagem para o resto da vida

Perante a solicitação de um testemunho sobre o Liceu de Ponta Delgada, a minha primeira reação foi a de relatar, de forma romântica, os bonitos anos de juventude em que lá estudei. Redigido o 1º parágrafo, logo percebi que estava a escrever sobre uma escola que eu idealizara. Obrigou-me a minha consciência a narrar, com verdade, o que foi o Liceu para mim e para muitos jovens do meu tempo.

No Liceu, frequentei desde o atual 3º ciclo até ao denominado Propedêutico (12º ano). Quando me estreei na escola, prevaleciam as turmas de género único: rapazes e raparigas separados, por portões e paredes altas, até mesmo nos intervalos. Para desagrado da sociedade de então, já havia, numa ala do Liceu, uma turma mista, a funcionar em jeito de experiência piloto, que muita curiosidade suscitava na restante população estudantil. A bata era a indumentária generalizada, o que muito agradava às famílias com poucos recursos.

Estávamos nos anos 70 do século XX. Estudavam, no Liceu, alunos das ilhas de S. Miguel e de Santa Maria. Não todos os que deviam lá estar, pela sua inteligência, mas, sim, os que provinham de famílias com posses ou aqueles cujas famílias tinham conseguido apoios ao nível do alojamento, alimentação e transportes. A Casa de S. José, para rapazes, e o Lar da Rua Margarida de Chaves, para meninas, albergaram largas centenas de jovens, provenientes de localidades fora de Ponta Delgada.

O Liceu de Ponta Delgada era um espaço de elite, onde havia lugar a manifestações, ora subtis ora explícitas, de autêntica xenofobia por parte dos alunos provenientes de famílias influentes de Ponta Delgada. Os que viviam na cidade sentiam-se, de uma forma geral, mais importantes. O tratamento dado aos alunos vindos das áreas limítrofes ou distantes da urbe era, na maior parte do tempo, de indiferença ou discriminação, quer nas aulas quer nos recreios.

Nesse tempo, os que se consideravam superiores reservavam para si próprios os melhores lugares no recreio, na cantina e na sala de convívio e eram os principais candidatos às melhores notas, mesmo quando não as mereciam. Estas eram práticas aceites por diretores, funcionários e pela quase totalidade da classe docente. Foram raras, mas muito significativas, as exceções dos docentes que tinham um tratamento igualitário junto dos seus estudantes.

Para os indivíduos das freguesias, era uma verdadeira luta pela sobrevivência estudar no Liceu. E assim foi comigo durante algum tempo, até ao dia em que resolvi agir. Fiz o que os outros faziam: comecei a falar da minha família, da quantidade de terra a perder de vista que o meu pai tinha, dos negócios da família, das viagens que fazíamos, das irmãs que estudavam no continente, das aulas que eu e as minhas irmãs frequentávamos no Conservatório, da nossa biblioteca, dos carros que tínhamos, das casas de que éramos proprietários na Maia e em Ponta Delgada, da minha mãe, que era professora, etc. Enfim, um chorrilho de verdades para conseguir o respeito que achava que merecia na pequenez dos meus doze e treze anos.

No decorrer do meu quarto ano (atual oitavo), rebentou a Revolução de Abril, a qual originou, por seu turno, uma outra revolução na escola: começaram as reuniões gerais de alunos, as recusas em ir às aulas, manifestações e comícios aos quais nos associávamos. De um dia para o outro, a população estudantil do Liceu passou a ser de esquerda. Os ricos já não queriam ser ricos, as roupas finas deram lugar a um estilo mais descontraído, perdemos as batas e passamos a conviver todos sem distinção de género. Quem frequentava anos com exame, na época, foi dispensado dos mesmos e os professores foram obrigados a aprovar os estudantes de todos os anos de escolaridade. Foram momentos de total anarquia no ensino e de esperança no futuro.

Havia começado a democratização do ensino no Liceu que eu frequentava e cujas aprendizagens foram muito para além dos conteúdos ministrados. Estudar no Liceu foi, de facto, uma experiência inesquecível. Mudou completamente a minha vida pelo exemplo de alguns docentes, mas, acima de tudo, por me ter ensinado que, como professora, tinha de ter uma atitude bem diferente, não permitindo, nas aulas, qualquer tipo de discriminação ou abuso. Todos os meus alunos e suas famílias foram sempre respeitados nas suas diferenças e com igualdade. Assim procedi de forma consciente, certa de que estava a defender o valor de cada ser humano. Nunca permiti que nenhum aluno ou aluna minha se sentisse na obrigação de exhibir gratuitamente o que a família tinha, como eu fizera na minha pré-adolescência, como forma de encontrar a dignidade que muitos dos meus pares teimavam em roubar-me.

Maria da Graça Borges Castanho nasceu a 31 de agosto de 1960, na freguesia da Maia, em S. Miguel. É docente e investigadora da Universidade dos Açores nas áreas de Metodologia e Didática da Língua Portuguesa, bem como Currículo e Género. No seu percurso, conta com os seguintes graus académicos: pós-doutoramento pela Harvard University; doutoramento pela Universidade do Minho; mestrado pela Lesley University e licenciatura, em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores. Encontra-se presentemente a realizar, em Boston, o seu segundo pós-doutoramento sobre a Manutenção da Língua Portuguesa junto dos Judeus Sefarditas nos EUA.

A par da atividade académica e de investigação, foi Conselheira para o Ensino do Português nos EUA e Bermuda, cargo que exerceu na Embaixada de Portugal em Washington DC; Diretora Regional das Comunidades, do Governo dos Açores; Coordenadora do Plano Nacional de Leitura, a convite do Ministro da Educação; Vereadora da Cultura e Ação Social da Câmara Municipal de Ponta Delgada; Presidente da Assembleia de Freguesia da Maia, entre outras.



FICHA TÉCNICA

- Título** **Memórias do Nosso Liceu**
Coletânea de Testemunhos
- Organização** Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental
- Coordenação** José Andrade, Maria João Ruivo e João Paulo Constância
- Textos** Alberto Romão Madruga da Costa, Alexandre Linhares Furtado, Álvaro Raposo de França, Ana Maria Netto Viveiros, Ângelo Albergaria Pacheco, Aníbal Raposo, António Costa Santos, António Eduardo Soares de Sousa, Berta Cabral, Berta Camacho, Boanerges Melo, Bruno Tavares Carreiro, Carlos Almeida, Carlos Arruda, Carlos Carreiro, Carlos César, Carlos Decq Mota, Carlos Falcão Afonso, Carlos Melo Bento, Carlos Pacheco Amaral, Cinelândia Cogumbreiro, Cristóvão de Aguiar, Dionísio Leite, Duarte Melo, Edeme Arsénio, Eduardo Andrade Pacheco, Eduardo Medeiros, Eduardo Paz Ferreira, Eduíno de Jesus, Elias Negalha, Emanuel Carreiro, Emanuel Macedo de Medeiros, Fernando Aires, Francisco Rego Costa, Gabriela Canavilhas, Gilberta Rocha, Graça Castanho, Guido Rodrigues, Gustavo Moura, Henrique de Aguiar Rodrigues, Horácio Franco, Humberto Melo, Iracema Cordeiro, Jaime Gama, João Bento Sampaio, João Bernardo Rodrigues, João Bosco Mota Amaral, João de Medeiros Constância, Jorge do Nascimento Cabral, Jorge Furtado Dias, Jorge Medeiros, José Carlos Carreiro, José de Almeida Pavão, José Eduardo Moniz, José Ferreira Almeida, José Manuel Bolieiro, José Manuel Tavares Rebelo, José Maria Lopes de Araújo, José Medeiros Ferreira, José Nunes, Joviano Vaz, Leonor Pavão, Luciano Garcia Lopes, Luís Maurício Santos, Luiz Amaral, Manuel António Pereira, Manuel Arruda, Manuel Ferreira, Manuel Moniz, Margarida Brum, Mário Bettencourt Resendes, Mário Fortuna, Milagres Paz, Natália Almeida, Noé Rodrigues, Pedro Maria Carreiro, Pedro Soares de Albergaria, Piedade Lalanda, Ponciano Oliveira, Renato Borges de Sousa, Roberto Amaral, Rubens de Almeida Pavão, Ruy-Guilherme de Moraes, Sacuntala de Miranda, Sidónio Bettencourt, Teresa Fraga, Tomaz Borba Vieira, Vasco Cordeiro, Vasco Garcia, Victor Cruz, Xali Barroso e Zeca Medeiros
- Ilustração da Capa** António Eduardo Soares de Sousa
- Fotografias do Liceu** José Franco
- Edição** Letras Lavadas, Edições
Março, 2014
- Impressão** Nova Gráfica, Lda.
- Tiragem** 200 exemplares
- Depósito Legal** 372306/14
- ISBN** 978-989-735-050-4